



No terreiro, mais à direita da casa, uns pés de amêndoa faziam sombra para animais e davam acesso para o olho d'água, passando por um denso manguezal.

Em frente à casa amarela com portas e janelas azuis, mas distante uns 50 metros, mais ou menos, à sombra de grandes pés de cojuba¹, era um dos nossos espaços preferidos para brincadeiras, quase tudo começava ou terminava ali. No final da tarde, era debaixo dessas árvores que adultos costumavam sentar em uns bancos feitos de troncos e ali permaneciam até a chegada do petromax, um candeeiro a querosene que nenhum de nós crianças pegávamos com medo de quebrar o vidro. Entre as árvores e a casa, o terreiro largo e sem nenhuma planta permanecia sempre limpo por ser varrido quase todos os dias. Na estrada, vindo da sede do município, logo na entrada da propriedade ficavam as casas dos moradores, dos dois lados. Não lembro bem quantas, mas não eram poucas. Uma delas me chamava muito atenção. Era a casa de uma viúva de um trabalhador da propriedade, D. Vicentina. Era alta, esbelta, bem branca com um cabelo preto comprido até a cintura. Em frente a morada dela havia um banco comprido que quase sempre havia mulheres e crianças sentados. Só muito tempo depois, fiquei sabendo que ela era de religião de matriz africana, benzedeira. Depois do povoado, havia um campo de futebol e próximo, uma ampla latada de palha e chão batido com um palco, idealizado por minha mãe, para apresentações de dramatizações. Tínhamos um teatro!

Minha mãe é natural de Barras, meu pai, já falecido, de Porto. Ele, ainda criança, fora dado a um casal sem filhos, Antônio Damasceno e Lucília, que, após uns dois anos, foram morar em Pirapemas, no Maranhão. Já rapaz, ele fugiu com uma mulher casada e retornou a Porto, passando a trabalhar como vareiro² em embarcações no rio Parnaíba. A união demorou pouco e a mulher acabou por retornar à família. Minha mãe, era costureira, caçula, fora morar com a irmã mais velha depois da morte dos pais. Eles se conheceram em uma quarta-feira nos festejos de Nossa Senhora da Conceição, em Barras, no largo da igreja. Segundo eles, conversaram pouco e marcaram encontro para a sexta, na missa da manhã. Deste encontro foram direto para o cartório e casaram, em 1954. A família dela não aceitou o casamento, além das circunstâncias, consideravam o marido sem futuro. A família biológica dele, que se resumia a uma irmã com certas posses, também não aceitou o enlace, por ser minha mãe pobre e negra.

No início de 1956, sem apoio, sem dinheiro e pertences que cabiam em um saco, vieram para Pirapemas trazendo consigo uma filha com meses, Edileusa. Foram direto para uma fazenda da família adotiva de meu pai, que a esta altura já possuía vários outros filhos de criação. Na

¹ Cojuba é o fruto de árvore que é utilizado como cabaça, uma espécie de reservatório para carregar água.

² Os vareiros ou porcos d'água eram profissionais do transporte de cargas e de pessoas pelas águas do rio Parnaíba, que atuaram por décadas, havendo registro de sua atuação ainda na segunda metade do século XX.



fazenda, trabalharam na lavoura na forma de diária e em parceria para outros proprietários, depois tornaram-se arrendatários em uma pequena propriedade. Neste período, meu pai, por um tempo, fora caixeiro viajante, vendia remédios e aplicava injeções, ofício que aprendera ainda jovem com o pai que se tornara farmacêutico em Pirapemas e sua farmácia era, de fato, o hospital da cidade. Apenas casos graves e cirurgias eram encaminhados para São Luís. Sua popularidade fez dele prefeito, salvo engano, uns dois mandatos. No final de 1957, eles receberam de meu avô, para tomarem conta, uma propriedade no povoado Matões, na zona rural de Pirapemas. Era uma fazenda com grande rebanho de gado e um comércio que abastecia toda a redondeza. Esta passagem por Matões permitiu uma acumulação que junto com algumas economias viabilizou a compra de Tibombô, que há época da aquisição estava abandonado. Quando nasci, em 1961, eles já moravam na propriedade e na casa amarela de janelas e portas azuis. Eu e mais seis irmãos, somos frutos deste casal, interracial e corajoso.

Como foi sua infância e juventude como negro? Trabalhou durante a infância e juventude? Onde estudou o ensino básico? Sofreu preconceito na escola por ser negro?

A trajetória da minha família e todas as suas transformações possuem como referência a educação. Minha mãe, em particular, forçou todos os deslocamentos para permitir o acesso à escola para os filhos. Primeiro para a sede do município de Pirapemas, onde todos iniciamos no grupo escolar Ribamar Pinheiro, uma escola pública. Passamos a residir em uma casa de esquina próxima à estação ferroviária. Lembrava muito a estrutura de nossa casa no interior. Corredor de entrada, salão comercial de um lado e quartos do outro, sala ladeada por peitoril e uma ampla cozinha. Durante um bom tempo, meu pai permaneceu na zona rural e teve muita resistência de vir para a cidade. Para minha mãe, suponho que deva ter sido, de certa forma um alívio. Meus pais trabalhavam lado a lado com os trabalhadores em todos os serviços e minha mãe participava inclusive dos mais pesados. Quando perguntados o porquê de trabalharem, respondiam que precisavam dar exemplo. Meu pai costumava percorrer a propriedade montado em um cavalo que chamávamos de bagaço de coco, devido a cor dos pelos. Ele mantinha sempre limpo o cocho feito de linha de algodão branca enxaguado com anil que usava em sua montaria.

Nossas idas ao Timombô passaram a se limitar às férias escolares e feriados. Lembro dele chegando em nossa casa em Pirapemas, montado em seu cavalo. Um homem alto, branco bronzeado pelo sol, bem vestido com calça e camisa de linho branco, com chapéu de palha tipo Panamá. Meu pai era um galã, parecia artista. Morreu aos 72 anos com esta mesma postura, ainda que a doença o tenha debilitado um pouco. Nunca dispensou o chapéu e um perfume forte, que



aceitação social, em casa os cuidados com nossa identidade negra foram fundamentais. Essa ação partiu de minha mãe e foi determinante para a tranquilidade vivenciada na infância.

O que ela nos ensinou na infância sobre a condição do negro na sociedade era produto de sua vivencia. Foram estas aprendizagens que me orientou para os anos seguintes. Três frases dela permanecem até hoje: “não abaixem a cabeça por conta da cor”, “tenham orgulho da cor de vocês” e “lembrem que têm outros iguais a vocês”.

Percebo hoje que a experiência dela e as aprendizagens a partir do casamento com um homem branco, foram determinantes para que ela tratasse do assunto conosco, desde cedo, com muita naturalidade. Em casa, todos nós, éramos negros. Não raro, quando chegávamos de uma festa ou mesmo durante a festa, ela chamava atenção para o fato de sermos, quase sempre, os únicos negros presentes e explicava o porquê. Na sua sabedoria, apontava sempre a saída pelos estudos e justificava os esforços realizados para nos colocar e manter, no que ela considerava, em boas escolas. Minha mãe fez apenas as séries iniciais do primário, o que é hoje fundamental menor, começou a trabalhar ainda criança na roça, quando adolescente aprendeu a costurar e passou a se dedicar profissionalmente ao ofício. Ela não é preta, mas o que chamamos de parda. Não temos fotos dela moça, mas devia ser bonita. Meu pai dizia que era uma “morena faceira e vaidosa” porque ela andava bem “arrumada” e, certamente por ter uma boa estrutura corpórea. Encontrei-a nas minhas memórias de infância, já gordinha e permanece assim até hoje, aos 87 anos. Para além dos atributos físicos, ela desenvolveu um gosto apurado e zelo com os cuidados da casa e com a culinária, em especial dos dias festivos em família, certamente aprendidos na convivência social. Ela começou a realizar leituras já na fase da velhice, a bíblia e outros livros vinculados a temas religiosos cristãos.

O que ela nos ensinou na infância sobre a condição do negro na sociedade era produto de sua vivencia. Foram estas aprendizagens que me orientaram para os anos seguintes. Três frases dela permanecem até hoje: “não abaixem a cabeça por conta da cor”, “tenham orgulho da cor de vocês” e “lembrem que têm outros iguais a vocês”. Destas, a que mais me incomodava era não ver os meus iguais nas escolas que eu estudava, nem nas escolas públicas pelas quais passei em Pirapemas e Coroatá. Fui encontrar negros na escola em Teresina, no Demostenes Avelino. Em Teresina, comecei a sentir o peso da cor, na escola e fora dela. Nossa família deixou de ser “da sociedade”, deixamos de frequentar os seus lugares e suas sociabilidades. Comecei a escutar na escola o termo negro de forma diferente e associado a outros atributos e identidades das quais ainda não me dava conta: feio, pobre e gay. Este conjunto de identidades, como eu era identificado e chamado, me



fez um adolescente retraído. O bullying tornou-se meu companheiro de farda. Lembro que, no ensino médio, além de mim, havia uma colega também assediada (hoje, consigo identificar nela os traços de lesbianidade identitária). Um mecanismo de reação encontrado, por mim, foi estudar. Estava, sempre, entre os melhores da sala. O fato de me destacar, ajudava a suavizar as manifestações de preconceito e discriminação, mas não impedia. Contudo, gozava do respeito dos professores e este fato funcionou muitas vezes como elemento de repressão, mas não necessariamente como um elemento educativo. As intervenções eram no sentido de acalmar o ambiente, sem problematizar as questões envolvidas.

Quando ingressou na universidade como estudante? Quais foram os desafios enfrentados? Enfrentou preconceitos? Estudou em escola pública? Quem foi ou quais foram as pessoas que lhe incentivaram a prosseguir nos estudos (Mestrado, Doutorado, etc.)?

Por duas aulas seguidas o padre disse em bom tom e se aproximando do grupo, e particularmente de mim, que conversávamos e que sentávamos no fundo porque todo negro era desconfiado e tinha dificuldade de convívio social.

As minhas vivências identitárias começaram a mudar com a minha chegada à universidade em 1980. Entrei para o curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Petrônio Portela, o Campus central da Instituição, localizado na Zona Leste. No início de 80, o Campus era o final da zona leste e eu morava no final da zona sul. Dependia de dois ônibus para chegar à universidade. Quando entrei, existia ônibus gratuitos da universidade que pegavam estudantes, um para a zona norte e outro para zona sul que eu costumava pegar na parada da Capelinha de Palha (Nossa Senhora das Graças) na avenida Miguel Rosa, sempre lotado. Quando não conseguia, por conta da lotação, pegava outro ônibus até a Av. Frei Serafim para aguardar um que fazia linha para a universidade ou então aventurar uma carona. Neste tempo, havia, nesta avenida, paradas com placa de identificação “carona amiga”, para UFPI. Ficávamos esperando, os carros paravam e íamos conversando sobre os cursos, a universidade, etc. Era muito legal.

Ainda durante o curso, o Camilão (assim era chamado o ônibus por conta do Reitor que implantou o serviço, Prof. Camilo Silveira) não conseguia atender a demanda que viabilizasse chegar nos horários das aulas e por fim deixou de funcionar. Isto sobrecarregou o orçamento, exatamente quando nossa família passava por seria dificuldade financeira, pois eu tinha que pagar quatro passagens. A sorte, foi o surgimento da linha diametral que atravessava toda a cidade, de



A bem da verdade, entrei na UFPI como docente em agosto de 1987 na condição de professor substituto. Em janeiro de 88, fui aprovado em concurso para professor efetivo. Foi difícil e ao mesmo tempo extremamente prazeroso. Me sentia protegido por todos, eram todos meus ex-professores e alguns trabalharam comigo na CEPRO. Havia muito estímulo da parte deles, percebia que tinham algumas expectativas, mas não me sentia pressionado. Sentia que era mais um desejo, por ser o mais jovem, de que eu continuasse o compromisso político e docente, como um legado dele, eu era um resultado do trabalho realizado por eles. Era o segundo concurso que o departamento realizava em sua história, e fez por área. Eu passei para História Econômica e Maria Elisabeth para Teoria Econômica. Em 2015, resolvemos fazer uma publicação sobre os 40 anos do curso, eu e a economista Enoisa Veras (éramos editores da revista Informe Econômico, publicação do Departamento) escrevemos na apresentação a história do curso. Foi um presente, tudo, a pesquisa nos arquivos da UFPI, as entrevistas, as memórias, as pessoas. Também é um legado importante.

Acho que todos os cursos, falo da Academia, deviam conhecer sua história, mas uma história animada por gente, com gente que fez e faz esta história, para que e para quem faz. Nas instituições, nós trabalhadores, somos invisibilizados, nós professores passamos anos, mais ou menos, bem ou mal, nos dedicando à docência e quando nos aposentamos ou morremos somos esquecidos na instituição. Lendo depois a história do Departamento de Ciências Econômicas da UFPI, senti uma gratidão tão grande que chorei. Eu ajudei a fazer aquela história. Voltando ao concurso, confesso que queria passar, mas não esperava passar. Eu era recém-graduado sem sequer um curso de especialização e tinha concorrente com doutorado. Mas, me preparei para passar, todo dia acordava com os olhos inchados, fechados, lavava com soro e voltava a estudar. Dois fatos importantes e de gratidão ocorridos no concurso. Primeiro, foi a disponibilidade e dedicação do professor Puskas me ajudando para a aula didática, passamos parte da noite e o dia estudando, preparando plano de aula e noções de didática, a prova aconteceu às 18 horas. A segunda, foram as palmas de um membro da banca, professor Reinaldo Carcanholo, da Universidade Federal do Espírito Santo, já falecido, ao final de minha prova didática sobre a revolução industrial. Foi toda baseada no capítulo XIII de O Capital, de Marx., e ainda teve gente que disse que fui beneficiado pela banca! Era uma vaga na minha área e fui o primeiro.

Meu primeiro dia de aula como docente foi em 10 de setembro de 1987, uma quinta-feira (o concurso efetivo aconteceu durante o semestre letivo 1987.2, quando eu estava como substituto), eu, de fato, parecia um menino, era franzino, magrinho, não mudara nada desde a



No CCHL, além de mim, tinha outro professor negro que discutia a questão racial, Francis Boakari, africano, professor do então curso de Ciências Sociais. Avançamos na realização de palestras, seminários e orientações. Este trabalho conjunto, de professores e estudantes, levou a criação do Núcleo IFARADÁ (Núcleo de Pesquisas sobre Africanidades e Afrodescendência) em 20 de novembro de 1995. Com o IFARADÁ (resistência pelo conhecimento em Yorubá) o trabalho se tornou mais vigoroso no campo da História, Sociologia e Educação, realizamos muitas atividades de extensão e pesquisa. Quando retornei à Teresina, retomei as minhas pesquisas no Arquivo Público tendo como referencia o projeto que queria desenvolver no Mestrado, sobre as relações escravistas nas fazendas nacionais no Piauí. Assumi também a função de chefe de departamento, coordenador de curso e continuei o ativismo político partidário em torno da organização do movimento sindical, na ADUFPI. Em 1995, mergulhei em um novo ativismo social pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/Aids e na campanha pela construção da sede da Associação Lar da Esperança, uma casa abrigo em Teresina. No segundo semestre de 1997, fui liberado para o doutoramento em História, na PUCRS. Defendi a Tese, “Braço Forte”, em 03 setembro de 2001. Quando voltei, encarei três novos desafios: ainda em 2001, participar da organização do movimento LGBTQI+ e da criação do grupo Matizes; em 2003 do processo de implantação do Programa Fome Zero no primeiro governo Lula; e em 2004 da criação do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na UFPI.

Como se deu ou como você avalia sua militância na universidade, nos movimentos sociais e na política? Quando começou? O que o impulsionou para ser um militante nas e das causas populares? Como descreveria seu trabalho em prol das camadas populares? O que ainda o motiva a continuar militando? Pode nos falar de seu trabalho e de suas publicações como um historiador de viés econômico e marxista que trabalha principalmente com a escravidão e com temas relacionados a negros, africanidades e afrodescendência? Qual a importância de seu trabalho e de suas pesquisas para a História do Piauí e do Brasil?

Não tenho dúvidas que quem faz avançar a sociedade, as relações sociais, é o conhecimento progressista ou revolucionário, e estes não estão só na Academia.

Minha carreira acadêmica e meu ativismo são inseparáveis, na verdade são ações fundidas, são a mesma coisa. Costumo dizer que faço Ciência engajada. Não me vejo fazendo outra coisa e



de outro modo. Tenho aversão a assepsias políticas, na verdade a falácia da neutralidade, em tudo. Pra mim quem faz tem que fazer em defesa de alguma coisa, mesmo os conservadores e reacionários. Ninguém tem que ter receio de nada, aliás nestes tempos sombrios, este povo (os piores são os reacionários) perderam por completo a vergonha pra se revelarem em tudo que falam e fazem. Acredito que conhecimento deve ser sempre para fazer avançar, mesmo as ideias mais enviesadas sobre a realidade, claro que as dos conservadores e reacionários não fazem avançar a sociedade, avança o pensamento deles, como eles vêm as realidades em suas diferentes temporalidades, sempre com o fim de aumentar o folego da ordem defendida por eles. Não tenho dúvidas que quem faz avançar a sociedade, as relações sociais, é o conhecimento progressista ou revolucionário, e estes não estão só na Academia.

Meu desafio, ainda quando me preparava para o concurso da UFPI, a partir de minha experiência em pesquisa na Fundação CEPRO, era me colocar à disposição deste conhecimento dentro da Academia. Tenho a convicção que eu fazendo, a partir do local que estou, a Academia também faz. Quando me apresento em qualquer lugar, o que falo é o que está sendo falado na UFPI, porque meu conhecimento é a concretização do conhecimento produzido na e pela UFPI. Por isso mesmo, desde que iniciei minha carreira acadêmica aceitei todos os convites para palestras e conferencias. A bem da verdade, ultimamente tenho colocado um pouco de dificuldade para participação e tenho recomendado muitos colegas para os convites. Não irei apontar todos os motivos para não me alongar, mas falo de dois. O primeiro é que estou morando no interior do Piauí e os deslocamentos para outros centros, mesmo Teresina, não me atraem. O segundo, é que todos os meus aceites passam por uma avaliação política no sentido de garantir, no evento, no mínimo uma fala progressista. Sempre evitei cenários, eventos, que de antemão sei ser dominados por reacionários, a partir dos organizadores. Para mim, não existe dialogo com reacionário. Os conservadores ainda são passíveis de influências e vale investir. Importante salientar que nunca cobreí por nenhuma participação em qualquer evento dos movimentos populares, e nem acadêmico. Quando muito participei por passagem e alimentação, não raro paguei deslocamento, hospedagem e comida. Sinceramente não lembro de ter recebido recurso em nenhum evento dos movimentos.

Pensando e agindo assim, fui estabelecendo na medida dos chamamentos sociais os campos de atuação, mas tudo dialogado, interligado. A separação aqui é apenas para ficar mais nítida a trajetória. A produção sobre as relações escravistas, brota do diálogo com as questões de classe e raça impulsionadas pela minha participação no movimento sindical e movimento negro. Neste campo, acabei por alargar minhas pesquisas e escritos sobre as relações raciais na contemporaneidade. Este campo de trabalho me deu identidade e respeito como pesquisador. É



com esta temática que inicio a carreira e com ela permaneço como a principal até hoje. Mas minha produção se diversificou como resultado de minha inserção social, especialmente junto aos movimentos. Tendo como referência a minha relação com os movimentos sociais, percebi neles, especialmente na fase de estruturação dos identitários no Piauí, uma preocupação por reconhecimento por parte da Academia, como se buscassem uma valorização de suas ações, para que a Academia fortalecesse suas vozes e se comprometesse politicamente com eles reforçando sua força política. Não se trata de fazer movimento social de Academia, para Academia, porque tem intelectual que se apresenta de movimento, mas desconhece o povo e os lugares do povo. Ainda que façam suas pesquisas com o povo e sobre o povo. Ir em uma comunidade qualquer ou grupo social, aplicar instrumentais de pesquisa, produzir centenas de artigos e falas eloquentes, não significa ter, de fato, compromisso social e político que o povo necessita. O compromisso social e político que defendo leva o pesquisador para rua com o povo. O lugar político, por excelência, do povo é a rua.

Eu e outros poucos companheiros respondemos aos movimentos com várias ações de pesquisas, extensão e escritos. Cito em particular, o professor Francisco Barros Junior, sociólogo. Fomos duramente criticados e ainda somos, por escolhermos o que alguns consideram temas menores na Academia e sobretudo, por trazermos os movimentos para dentro da Academia, não só nas pesquisas e escritos, mas nos eventos, seminários, palestras, etc. Estas ações simples, que devem ser vistas como naturais na função social da universidade foram e são duramente criticadas e combatidas. Para terem uma ideia da importância destas ações simples, somente em 2019, 10 anos após a inauguração do campus da UFPI em Floriano, foi realizado pela primeira vez nas dependências do Campus um evento com a temática LGBTQI+, numa parceria com o grupo Matizes. Com ajuda da professora Leticia Caroline (primeira professora trans da UFPI) mobilizamos as demais Instituições de Ensino Superior da cidade e realizamos em cada uma atividade sobre o tema sob o guarda-chuva “Semana da Diversidade Sexual”. Este fato reforça o que penso e digo: (acho que já falei anteriormente) quem faz o que a Academia faz, somos nós. Hoje, do ponto de vista interno e externo, a UFPI em Floriano possui ações em Homossexualidades.

Este tem sido meu movimento como professor e pesquisador. Não é vaidade, acreditem, é autorreconhecimento. Aprendi a perceber a minha atuação, a minha presença, a minha importância no fazer e ajudar a fazer. Aprendi a perceber também o reconhecimento das pessoas para com o meu trabalho, para comigo. Nunca solicitei nada a ninguém, falo deste reconhecimento público, mas recebi com gratidão, dados pelas pessoas, o título de Comendador, honraria concedida pelo Governo do Estado do Piauí; o título de Cidadão Teresinense, concedido pela Câmara de



pesquisador consolidado, tinha um ou não tinha orientando por entrada. A escravidão, o marxismo ou o professor não foram atrativos.

Respeitar as limitações dos orientandos sem ficar preso aos seus limites. Conduzir a mão do orientando, sem dominar sua escrita, apenas mostrando o que é mais adequado para revelar suas ideias. Apontar para a formação da frase e do parágrafo, indicar onde o texto deve respirar e onde deve terminar. Os pontos, vírgulas, acentos e normalizações ficam para os revisores.

Como professor de pós-graduação realizei pesquisas e publicações que considero interessantes. Entretanto, no campo da História, os mais significativos do ponto de vista de recepção no Rio Grande do Sul e no Piauí, e que se tornaram referência, e dizem, importantes para o ofício do historiador em formação, foram realizados como estudante da pós-graduação. Neste aspecto, chamo atenção para a importância das orientações, especialmente no mestrado, sobretudo quando cada vez mais entram orientandos muito jovens nos cursos. Para mim, o mestrado é um ritual de transição. Em regra, é nele que se define o campo teórico-metodológico de atuação. Uma orientação segura e honesta é fundamental. Orientador não precisa se tornar amigo de orientando, mas necessita, por dever do ofício e de humanidade conduzir com respeito o processo. Precisa ser um facilitador de aprendizagens, estimular o orientando a ampliar sua visão de mundo para melhor enxergar o seu objeto. Por isso defendo tanto a pluralidade no processo de ensinar. Cabe ao orientador apresentar as teorias, os autores, os textos e com sensibilidade construir, com o orientando, um caminho que responda as necessidades do orientando. Para isso, o orientador tem que ver o orientando, perceber no dito o sentido do que está escondido. Respeitar as limitações dos orientandos sem ficar preso aos seus limites. Conduzir a mão do orientando, sem dominar sua escrita, apenas mostrando o que é mais adequado para revelar suas ideias. Apontar para a formação da frase e do parágrafo, indicar onde o texto deve respirar e onde deve terminar. Os pontos, vírgulas, acentos e normalizações ficam para os revisores. Acho que fui um orientador assim, pelo menos busquei ser.

No mestrado produzi “Triste Pampa: resistência e punição de escravos em fontes judiciais no Rio Grande do Sul”, com o qual ganhei o Prêmio Açorianos em 1998, o mais importante prêmio literário do Rio Grande do Sul. Além de seu valor literário, é marcante o aspecto metodológico. Segundo já escutei de historiadores renomados, o texto é uma aula sobre uso de fontes judiciais. A julgar por constantes mensagens que recebo de estudantes gaúchos, o livro ainda é utilizado em



vivências. Estou envelhecendo, mas com um sentimento de renovação constante. As novas temáticas me estimulam e fazem bem a minha saúde, porque penso melhor sobre um percurso historiográfico quando caminho. E ultimamente minhas caminhadas tornaram-se rotineiras. Estou lendo sobre cultura e delineando pesquisas sobre cultura popular no Brasil, mais precisamente sobre referências culturais em religiões afro-brasileiras. Já tinha me aproximado da temática em duas produções, uma sobre as referências culturais em comunidades quilombolas (“Bens negros”, trabalho para o IPHAN) e outra sobre as comunidades de terreiros em Teresina (“Fieis da ancestralidade”, trabalho para a Diretoria de Direitos Humanos do Piauí), mas sem um maior aprofundamento teórico. Agora estou lendo com o devido vagar autores do campo da cultura e já sinto desconfortos.

Pelo que já realizei acredito que consegui pautar a presença negra no cenário acadêmico. Mas não sou daqueles que acham que basta ter professor-pesquisador negro e/ou produções sobre experiências negras. Para mim, é fundamental a qualidade desta presença e das produções. Existe, cada vez mais na academia um debate com as sombras que não enfrenta as impugnações estruturais para a população negra no país. Um debate que procura, propositadamente, fugir e escamotear a realidade criando falsas oportunidades coletivas e se concentrando em possibilidades individuais em uma sociedade estruturalmente vocacionada para a desigualdade. Sou um historiador marxista e inicio sempre minhas investigações estudando a formação social e suas singularidades. Minhas investigações permitiram-me propor novas leituras para alguns aspectos fundamentais da formação social piauiense. A desmistificação da historiografia tradicional e das suas falácias sobre o passado reforça a desmistificação sobre as mentiras sobre os nossos dias.

Porém, as minhas e outras investigações com o mesmo perfil estão sob ameaça conservadora, e até mesmo reacionária, de uma campanha historiográfica silenciosa que começa a ser sistemática de desconstrução, interessada em restaurar a antiga apologia da benevolência. Esta historiografia pra mim é ideológica porque se pauta em fenômenos alheios à realidade. Reafirmo a ideia que um historiador deve saber que a historiografia é um campo privilegiado da luta de classes e cabe às classes oprimidas e seus historiadores, no presente, revelar o passado e suas contradições pensando no futuro. Como dito, não creio em ciência e historiografia neutra, e muito menos historiador que honre este nome, ingênuo. A historiografia que produzi é científica e por ser científica é emancipatória.

Você poderia nos falar sobre o racismo em sua vida? Quais experiências vivenciou? Como enfrentou e enfrenta o racismo na sua vida? Que medidas você apontaria para a superação do racismo dentro e fora da sala de aula, da universidade à Educação Básica?



Não sou daqueles que veem na educação a solução para todos os problemas, mas certamente percebo que ela ajuda e muito. A educação emancipatória, libertadora. E é para esta educação que devemos estar dispostos, à serviço.

Uma boa pergunta para encerrar nossa conversa. Tenho uma experiência que sintetiza toda minha trajetória e sua relação com o racismo e também com a homofobia. Em 2008, fui candidato à reitoria da UFPI em uma frente ampla de oposição. Na composição política ficou acordado que o CCHL indicaria o nome a reitor e o CCS o de vice. Quando o meu foi escolhido fora marcado uma reunião, no salão do Jockey Clube, para minha apresentação oficial ao grupo. Todos os representantes de setores falaram demonstrando preocupação com a unidade e as dificuldades para enfrentar a chapa da situação. Até então, eu particularmente pensava que o centro da dificuldade fossem as divergências políticas internas de nosso grupo que era muito heterogêneo. De certa forma eram. Contudo, já quase no final da reunião, já tarde da noite, alguém teve a coragem de pautar as minhas identidades. O sentido da fala foi o de saber se eu assumiria a condição de gay, além de ser visivelmente negro.

Fiz uma fala ampla, assumindo tudo, o compromisso político, defesa da unidade e minhas identidades. Em que pese alguns desconfortos, a candidatura foi consolidada e iniciou-se a campanha. Em nenhum momento percebi desmotivação ou constrangimentos em relação a minha candidatura por parte do grupo. Acredito que muito contribuiu a minha segurança demonstrada no processo eleitoral e o fato de ter me saído bem em todas as entrevistas concedidas em todos os meios de comunicação, performance mantida nos debates públicos realizados nos campi da instituição e em um canal de televisão. Diga-se de passagem, que o oponente não possuía eloquência e diante de minhas performances, quase sempre tendia a se descontrolar. O desempenho dele era vexatório, mesmo. Percebendo as fragilidades do candidato, eles buscaram estratégias para me desestabilizar nos debates colocando claquês (com a presença de professores, pasmem) para me provocar, em alguns debates apenas insinuavam em outros explicitavam a homofobia e o racismo.

Entre os colegas professores, mesmo entre os próximos, escutei justificativas do não voto por eu ser negro, por ser gay, e por não ter a competência necessária. Escutei isso assim, na lata, sem constrangimento algum de colegas, inclusive de negros e de gays. Procurava argumentar, mas sem efeitos. Uma coisa que me chamou muita atenção foi a agressividade de colegas professores negros, gays, comigo nos debates públicos que chegavam a colocar o dedo no meu nariz (os debates



eram muito acalorados, o último foi encerrado antes da conclusão por um início de tumulto. Na verdade, eles provocaram para forçar o encerramento, como dito antes o candidato deles se saia muito mal). Havia alguma coisa estranha no comportamento daqueles negros e gays que não remetia só a falta de entendimento político do que minha candidatura representava para as forças progressistas, para as identidades representadas por ela e para os avanços políticos que a Instituição teria com minha eleição. Não era só o compromisso deles com o conservadorismo, nem com as promessas de funções gratificadas.

Durante toda a campanha chegavam informações que eles utilizavam minhas identidades para me desqualificar nos centros da capital e nos campi de Florianópolis, Picos, Bom Jesus e Parnaíba. Dependendo dos interlocutores e da receptividade, uma ou outra era reforçada. Eu, presenciei em Teresina uma ação dessas. No dia da apuração, quando estava finalizando resultado, fui orientado a deixar o auditório para evitar provocações. No caminho para casa, atendi uma ligação no celular e fui chamando de negro safado e informado, ao som de um barulho ao fundo, que estavam comemorando com cerveja e churrasco de carne de veado. Isso aconteceu em uma instituição de ensino superior, ações praticadas por professores!

A experiência, em que pese os fatos relatados, foi ótima, pessoalmente e politicamente. Me tornei mais seguro e reafirmei minha referência no campo identitário. Não conto as vezes que fui parado nos corredores por estudantes elogiando minha coragem, agradecendo por encorajar a eles a serem o que são, dizendo que se assumiram como negros ou gays e lésbicas quando me viram falar. Pra mim, naquela campanha, cumpri a minha função social e política. Fui uma referência. Referência para ajudar iguais a mim, para estimular o abandono de sofrimentos, para enfrentar homofobia e racismo. Minha vida toda tem sido pautada nesta função política, de fazer de minhas experiências pessoais referências coletivas, sobretudo para a juventude. Expor minha trajetória de vida, como faço agora, como processo educativo.

Não sou daqueles que veem na educação a solução para todos os problemas, mas certamente percebo que ela ajuda e muito. A educação emancipatória, libertadora. E é para esta educação que devemos estar dispostos, à serviço. Acredito que como educadores devemos ser exemplo, ter bom caráter e respeitar as diferenças. Tudo isso pode e deve ser ensinado e aprendido nos espaços escolares, ainda que se percebam tensões destas aprendizagens com os espaços privados. Aliás, são destas contradições que brotam atos de autonomia. Nós, das forças progressistas, como educadores, devemos ter coragem para nadar contra corrente. Devemos ter e demonstrar segurança para enfrentar manifestações preconceituosas e de discriminação praticadas em nossa presença. Devemos apoiar e proteger em todas as hipóteses a pessoa ofendida e agredida. Devemos banir de nossas mentes e ações quaisquer resquícios de opressão e submissão. Tudo isso



Terra de Pretos

Revista Multidisciplinar

ISSN 2675-7028

é aprendido e ensinado, em todos os lugares. E para tudo isso necessita de alguém que ensine e aprenda, e aprendendo, ensine. Estes ensinamentos e aprendizagens são fundamentais nestes tempos sombrios em que vivemos no Brasil um abalo da democracia e liberdades. Um momento em que as pessoas parecem desanimadas, que as forças sociais aparentam deprimidas e desorganizadas. Este momento, é o momento em que mais somos necessários. Precisamos ser o que sempre fomos, precisamos fazer o que sempre fizemos.

“A revista Terra de Pretos agradece ao Prof. Dr. Solimar de Oliveira Lima por essa aula em forma de entrevista que concedeu ao periódico e aos nossos leitores”.